

## A História do Tempo Presente através da tessitura da memória, oralidade e mídia.

---

*Tatiane de Freitas Ermel<sup>I</sup>*

Resenha recebida em 05/04/2017 e aprovada em 20/04/2017.

A obra “História do Tempo presente: oralidade, memória, mídia”, teve sua origem no II Seminário de História do Tempo Presente, realizado no ano de 2014, em Florianópolis/UFSC. Publicada em 2016, conta com oito capítulos, sendo um deles resultado da conferência de encerramento e, os demais, dos participantes das mesas redondas. Esclarecendo algumas questões sobre as apresentações dos textos, a organizadora, Janice Gonçalves, nos coloca sobre “a diversidade de pontos de vistas, interesses, formas de pensar e expressar dos autores”<sup>II</sup>.

No primeiro capítulo, intitulado “Historia del presente, historia oral y memoria de la izquierda em México”, o autor Gerardo Necochea Gracia aborda inicialmente sobre a revisão crítica dos historiadores mexicanos acerca do século XX, remetendo questões de periodização, distanciamento, neutralidade e método historiográfico, para então analisar dois pontos que serão centrais em seu estudo: a história oral e o problema da memória. Em relação à primeira, refaz o percurso de constituição do campo de pesquisa no México, desde seu surgimento entre os pesquisadores do Instituto de Antropologia e História, no qual era possível combinar visões de ambas as disciplinas, até o processo de transformação de perspectiva, que permitiu expandir as problemáticas de trabalho com a história oral. Em seguida, aponta para a produção da memória testemunhal dentro de um amplo campo de pesquisa sobre a esquerda na segunda metade do século XX, mais precisamente, com a finalidade de descrever o processo de construção desse tipo de sujeito. Para tanto, toma como base os testemunhos autobiográficos de José Woldenberg, ativista estudantil e integrante da direção do sindicato de professores universitários da Universidad Autonoma do México e, de Fernando Pineda Ochoa, membro da Juventude Comunista e, posteriormente, integrante da organização política armada Movimiento de Acción Revolucionaria (MAR). Ao analisar estes dois testemunhos, um de 1998 e, o outro, de 2003, o autor problematiza que assim como os acontecimentos do passado moldam nosso presente, as questões do presente também produzem visões distintas do passado.

Analisando a construção da memória dos trabalhadores ferroviários argentinos, Pablo Alejandro Pozzi nos apresenta o segundo capítulo: “Argentina 1976-1983: la oposición obrera a la dictadura en la memoria de cinco trabajadores”. O autor destaca a formação de uma “estrutura de sentimento”<sup>III</sup>, onde o critério de “verdade” histórica não depende de um posicionamento positivista, mas sim do objetivo da investigação. Problematizando a memória, ressalta que a mesma é sempre seletiva e está de acordo com os problemas da atualidade, sendo ainda modificada, fragmentada, postergada e relegada. Analisando um conjunto de entrevistas com cinco trabalhadores, ressalta a problemática entre “la articulación dialéctica de la memoria, la experiencia particular, y la preservación de tradiciones que permiten la identidad classista” (p.35). Contradizendo a maioria das opiniões acadêmicas e da “história oficial”, de que a atitude da classe operária argentina frente à ditadura iniciada em 1976 foi de apatia, as entrevistas aportam uma resistência constante presente na memória operária através de tradições, linguagens e imaginários.

No terceiro capítulo “História, política e mídia no Brasil em redemocratização”, o autor Reinaldo Lindolfo Lohn tem como objetivo problematizar representações e

## A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE ATRAVÉS DA TESSITURA DA MEMÓRIA, ORALIDADE E MÍDIA

TATIANE DE FREITAS ERMEL

memórias sobre a sociedade brasileira, no período compreendido entre o início da ditadura militar, em 1964, até o final da década de 1980. Sua abordagem remete aos meios de comunicação de massa, que apresentam dimensões fundamentais para a escrita da história do tempo presente, onde analisa a Revista semanal *Isto É*, como “portadora da capacidade de dar conta da superinformação do dia a dia, ao organizar e classificar os acontecimentos e, pretensamente, minorar a subinformação crônica de seus leitores” (p.62). Compreendendo o fenômeno sociocultural da conversão do público em opinião pública, por meio da imprensa se constrói uma narrativa própria que influenciou nas decisões políticas, avanços e recuos da democracia, assumindo posição destacada dentro do campo político.

O quarto capítulo “Sobre tempos digitais: Tempo Presente, História e Internet”, Dilton Cândido Santos Maynard, analisa as relações do historiador do tempo presente com as tecnologias digitais e a internet, defendendo a ideia que o mesmo não necessita ser um *expert* e/ou um programador de computadores, mas deve estar consciente do processo de produção da história em tempos digitais. Saliencia as considerações feitas por historiadores como Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Peter Burke e Robert Darton sobre as influências da internet, destacando que essa questão necessita ser problematizada tanto no cenário internacional como nacional, sobretudo, porque mesmo os historiadores que utilizam diariamente a internet e demais recursos de pesquisas digitais, esses não costumam instigar estudantes à problematização do digital, sendo recorrente a aplicação de métodos históricos tradicionais à um universo digital. Em seguida, apresenta algumas constatações sobre a internet, como o seu potencial democratizador e sua cultura de compartilhamento e abundância de informações. Também problematiza questões em torno da preservação do material digitalizado e sobre aqueles que já nascem digitais, assim como os cuidados com a migração para novos formatos, diante da velocidade de transformações dos suportes digitais. Assinala que os desafios digitais são semelhantes aos que os historiadores já viveram no passado, como o de “tudo guardar” e as falsificações. Valendo-se dos estudos de Cohen e Rosenzweig, destaca as sete qualidades da produção histórica em tempos digitais: capacidade, acessibilidade, flexibilidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade<sup>IV</sup>. Por fim, aborda questões de qualidade de registro e durabilidade, trazendo a importância dos historiadores nos procedimentos de legitimação, discernimento e autoridade, retomando assim a necessidade do diálogo entre as antigas bases metodológicas com os novos aportes digitais.

Visando esboçar algumas definições da biografia enquanto gênero e alternativa metodológica, o capítulo “Reflexões sobre o gênero biográfico: literatura, ilusão e disputas de memória”, da autora Márcia Ramos de Oliveira, problematiza a questão do sucesso editorial de vendas das biografias, a partir da perspectiva da história do tempo presente. Analisa o caso que envolveu o jornalista e historiador Paulo César de Araújo e o cantor e compositor Roberto Carlos<sup>V</sup>, com a publicação da obra em 2006, que culminou no processo judicial movido pelo biografado – Roberto Carlos, teve como fonte documental jornais e revistas de ampla circulação. Analisando as contradições do processo, sobretudo, pela figura pública do cantor e a forma de tratamento desigual ao qual o jornalista e historiador foi submetido, a autora analisa também a publicação da obra “O Réu e o Rei: minha história com Roberto Carlos, em detalhes”, de autoria de Paulo César de Araújo, publicada em 2014. O processo de construção do biografado pelo historiador é destacado a partir da disputa de memória, contribuindo para reflexões

## A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE ATRAVÉS DA TESSITURA DA MEMÓRIA, ORALIDADE E MÍDIA

TATIANE DE FREITAS ERMEL

acerca de legitimidade do ofício historiográfico e a presença do historiador na esfera pública.

O sexto capítulo: “Que História? Que memória? Usos e o ensino de História a partir do presente”, de autoria de Cristine Bereta da Silva, nos faz refletir acerca das dificuldades do ensino de história nas escolas, destacando a falência do modelo de narrativa e as sucessivas crises da segunda metade do século XX, que desencadearam um processo de construção e disputas das memórias heterogêneas e de um “presenteísmo dominante” (p.119). Nesta perspectiva, discute a memória como problema histórico e as temporalidades recompostas, apontando três desafios para o ensino de história: orientação temporal, dever da memória e os usos do passado e a história de grande circulação. A autora destaca a importância da consciência histórica, do trabalho das escolas com questões que envolvem as memórias em disputa e a atenção dos professores com uma história pública e/ou de grande circulação.

Ao analisar a História do Tempo Presente nos programas estaduais para a *high school* nos Estados Unidos, Itamar Freitas traça comentários sobre a vulgata histórica nacional e transnacional, entre os anos 1999-2014. Retomando o princípio de descentralização dos currículos nos Estados Unidos, o autor problematiza o predomínio do contemporâneo, destacando os grandes temas da historiografia estadunidense: “política externa, política interna (estudos sobre presidentes), Guerra do Vietnã, Movimento pelos direitos civis e Estado de Bem-Estar Social” (p.145). Em seguida, é apontada a vulgata histórica para a história transnacional, sendo o mais representativo: Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria e a Independência das ex-colônias da África, Ásia, América Latina, Caribe e Oriente Médio. Em relação à vulgata histórica nacional, destacam-se os acontecimentos vinculados aos movimentos pelos Direitos Civis, seguidos pela Grande Depressão, Primeira e Segundas Guerras Mundiais e a Guerra Fria. Analisando uma série de dados quantitativos, assim como as diferentes abordagens e interpretações, o autor conclui a existência de uma coincidência transnacional em relação às duas grandes guerras mundiais e à Guerra Fria.

Por fim, o último capítulo intitulado: “Sob o encanto da contação de histórias? História oral numa era neoliberal”, de autoria de Alexander Freund, nos apresenta uma importante discussão entorno da expansão ocidental, sobretudo, norte-americana, da prática de contação de histórias, a partir dos anos 1970 e, sua maior divulgação por meio da internet. Analisa o caso do programa *Story Corpus* e a National Public Radio, que desde o ano de 2003 produziram e divulgaram pequenas histórias autobiográficas, problematizando um novo tipo de contação de histórias que tem o narrador como um vencedor de uma série de desafios, motivados pelo modelo neoliberal de autonomia, liberdade e direitos individuais. Para tanto, o autor persiste na necessidade de historicizar a história oral, contextualizando o fenômeno da contação de histórias, especialmente, a partir do aparecimento de uma cultura que a vincula aos aspectos terapêutico, às emoções, aos traumas, às lembranças e à sobrevivência, com a ascensão de um movimento de pensamento positivo e de autoajuda. Analisando o programa *Story Corpus*, assim como outros projetos semelhantes desenvolvidos em diferentes países, o autor ressalta a ênfase de superação de adversidades, como doenças, perdas, lesões, pobreza, preconceito, racismo, dificuldades de aprendizagem, entre outros. A grande discussão proposta consiste na confusão de alguns pesquisadores em história oral relacionados a projetos deste tipo, merecendo destaque o processo de edição profissional pelo qual passam esses relatos, a fim de trazer como principal benefício o

## A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE ATRAVÉS DA TESSITURA DA MEMÓRIA, ORALIDADE E MÍDIA

TATIANE DE FREITAS ERMEL

fator emocional, a falta de dados biográficos, o presentismo e a centralidade nas redes sociais, o caráter comemorativo, dentre outros. Desse modo, propõe a abertura das discussões em torno da contação de estórias versus história oral, abordando duas questões principais: a política da história e a política da memória. Nesta perspectiva, salienta que cabe aos pesquisadores buscarem mecanismos para conhecer, explicar e compreender esse fenômeno social, tendo clareza de seu ofício de historicizar as entrevistas e as contações de estórias, assim como a própria história oral.

Tecendo o fio da História do Tempo Presente, a obra nos permite uma série de reflexões teóricas e metodológicas, atendendo demandas tanto dos pesquisadores, como os professores de História. Merece destaque a variedade de enfoques, temáticas e documentação que foram analisadas, tanto por pesquisadores brasileiros como estrangeiros, estabelecendo significativas conexões entre a memória, a oralidade e a mídia. Permite exercitar uma série de discussões e reflexões sobre o ofício do historiador, suas armadilhas e as novas demandas tecnológicas impulsionadas, sobretudo, pelo advento da internet e das redes sociais.

---

<sup>I</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Frederico Westphalen, RS, Brasil, Email: [tati.ermel@yahoo.com.br](mailto:tati.ermel@yahoo.com.br). Bolsista de Pós-Doutorado Junior do CNPq. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Brasil (nº do processo: 150430/2017-8).

<sup>II</sup> GONÇALVES, Janice (org.). História do Tempo presente: oralidade, memória, mídia. Casa Aberta. Itajaí, Santa Catarina, 2016, p.11.

<sup>III</sup> WILLIAMS, Raymond. Culture is Ordinary (1958). In: \_\_\_\_\_. Resources of Hope. London: Verso Books, 1989.

<sup>IV</sup> COHEN, Daniel J., ROSENZWEIG, Roy. Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

<sup>IV</sup> Intitulado “Roberto Carlos em Detalhes”, o livro foi publicado em 2006, pela editora Planeta Brasil.

### **Bibliografia:**

COHEN, Daniel J., ROSENZWEIG, Roy. Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

GONÇALVES, Janice (org.). História do Tempo presente: oralidade, memória, mídia. Casa Aberta. Itajaí, Santa Catarina, 2016.

WILLIAMS, Raymond. Culture is Ordinary (1958). In: \_\_\_\_\_. Resources of Hope. London: Verso Books, 1989.